

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: questões teórico-críticas

Zidelmar Alves Santos
(UESC)

<https://orcid.org/0000-0002-8052-524X>

Inara de Oliveira Rodrigues
(UESC)

<https://orcid.org/0000-0001-8950-7374>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as implicações teórico-críticas acerca da literatura produzida pelos afrodescendentes no Brasil. São apresentadas diversas visões sobre o que seria a produção literária de autoria negra ou afro-brasileira. Destacam-se principalmente as abordagens de Bernd (1988), Cuti (2010) e Duarte (2008; 2014). A questão do cânone também se sobressai devido ao processo de silenciamento e exclusão contra minorias causado por instâncias legitimadoras. Conclui-se que a concepção elaborada por Duarte, notadamente a denominada “literatura afro-brasileira”, é a mais adequada para englobar tal produção literária, visto que, além de ser mais abrangente que as denominadas literaturas “negra” e “negro-brasileira”, por exemplo, sustenta-se sobre cinco alicerces: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; Literatura negra; Resistência; Escrita afrodescendente.

AFRO-BRAZILIAN LITERATURE: theoretical-critical questions

ABSTRACT

This paper aims to discuss some of the theoretical-critical questions bearing on the literature produced by Afro-descendants in Brazil. A selection of views are presented on what the literary production of black or Afro-Brazilian authorship would consist of. We here highlight the approaches of Bernd (1988), Cuti (2010) and Duarte (2008; 2014). The discussion of canon formation also stands out due to the process of silencing and exclusion against minorities imposed by legitimizing instances. It is concluded that the notion elaborated by Duarte of “Afro-Brazilian literature” is the most adequate to encompass such literary production since, besides being broader than the so-called “black” and “Black-Brazilian” literatures, for example, it rests on five foundations: theme, authorship, point of view, language and the reading public.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; Black literature; Resistance; Afro-descendant writing.

1. Introdução

A produção literária dos negros e afrodescendentes, no Brasil, tem se reafirmado por meio da resistência aos valores canônicos e etnocêntricos ao longo dos anos. Entretanto, a reunião desses textos enquanto uma ramificação dentro da literatura brasileira, considerada de forma ampla, tem sido mote para diversas discussões nas últimas décadas. As questões teórico-críticas acabaram movimentando a produção de pesquisadores que apresentaram visões distintas sobre o assunto, bem como diferentes nomenclaturas, a exemplo de literatura negra (BERND, 1988), negro-brasileira (CUTI, 2010), ou afro-brasileira (DUARTE, 2008; 2014).

Essa discussão evidencia a existência de vasta produção literária dos afrodescendentes no Brasil, desde o período colonial. Contudo, o cenário editorial desfavorável aos autores negros acabou limitando seu alcance em relação ao público leitor. Segundo Duarte (2018), a produção dos

afro-brasileiros sofreu diversos impedimentos, a exemplo da desvinculação autoral da etnicidade africana, o que dificultou a publicação em livro.

Esse e outros condicionamentos seriam a causa da lacuna de uma história e de um “um *corpus* estabelecido e consolidado para a literatura afro-brasileira, tanto no passado quanto no presente, em virtude do número ainda insuficiente de estudos e pesquisas a respeito, apesar do crescente esforço nesta direção” (DUARTE, 2018). Nas últimas décadas, entretanto, a historiografia literária brasileira tem passado por uma revisão teórico-metodológica proporcionada pela “emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam a incorporação de territórios discursivos antes relegados ao silêncio ou, quando muito, às bordas do cânone cultural hegemônico” (DUARTE, 2018).

É nesse sentido que a constante discussão teórico-metodológica acerca da produção escrita dos afrodescendentes se faz tão necessária e urgente, considerando que ela é marcada pela negociação e pela resistência aos valores do cânone literário nacional. É importante salientar que as diversas perspectivas e pontos de vista sobre essa produção literária demonstram que, nas últimas décadas, pesquisadores e escritores têm refletido sobre a arte literária e sobre seu ofício. Abaixo, segue-se uma discussão acerca da delimitação de um campo específico que abrigue a produção literária dos afrodescendentes.

2. Literatura afro-brasileira: questões teórico-críticas

Um dos principais problemas com que se depara o pesquisador da literatura afro-brasileira diz respeito à polêmica conceitual com a denominada literatura negra. Essa discussão ganhou intensidade a partir das últimas décadas do século XX e divide a crítica literária em campos distintos, já que separa aqueles que possuem um posicionamento conciliador de outros pensadores que consideram uma postura mais radical como fundamento para a composição do texto negro/afro-brasileiro.

A publicação de *A poesia afro-brasileira*, no ano de 1943, pelo sociólogo francês Roger Bastide (1973), inaugura o debate sobre o uso do termo “afro-brasileiro” como categoria para análise das literaturas produzidas pelos afrodescendentes. Assim como Bastide, pesquisadores estrangeiros, a exemplo de Sayers (1958), Rabassa (1965) e Brookshaw (1983), constituíram o campo da reflexão acadêmica voltada para o estudo da produção literária dos afrodescendentes brasileiros de forma quase que exclusiva (DUARTE, 2014, p. 260).

A mudança no comportamento da crítica, no que diz respeito à predominância dos chamados pesquisadores brasilianistas, iniciou-se a partir da publicação da série *Cadernos Negros*, no ano de 1978. Organizados pelo grupo Quilombhoje, os *Cadernos...* são lançados, de forma anual e ininterrupta, alternando volumes dedicados à publicação de trabalhos em prosa (contos) e poesia. A publicação do livro *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*, no ano de 1985, reafirma o compromisso do grupo em não apenas divulgar a produção literária de afrodescendentes, mas atuar politicamente, discutindo o conceito e o lugar dos textos e autores afro-brasileiros (QUILOMBHOJE, 1985).

De acordo com Duarte (2014, p. 260):

a ampliação da chamada classe média negra, com um número crescente de profissionais com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo do consumo; e, por outro, a instituição de mecanismos como a lei 10.639/2003 ou as ações afirmativas, vêm contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente.

Os crescimentos do público e da demanda justificam, para esse pesquisador, “as responsabilidades dos agentes que atuam nos espaços voltados para a pesquisa e produção do conhecimento, em especial nas instituições de ensino superior” (DUARTE, 2014, p. 260). Daí a necessidade de se discutir os conceitos de literatura negra e literatura afro-brasileira, ampliando o debate, inclusive, para além dos muros da academia.

Nos textos *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção e Por um conceito de literatura afro-brasileira*⁴, Duarte (2008; 2014) analisa várias proposições acerca da acepção de literatura negra, construindo um quadro elucidativo sobre as divergências entre as diversas perspectivas teóricas sobre o tema. Se por um lado, os autores vinculados aos *Cadernos Negros*, possuíam um viés de militância, percebido pela identificação com a concepção proposta por Ironildes Rodrigues, que compreende a literatura negra pelo pertencimento étnico e pela discussão dos problemas enfrentados pela raça negra, por outro, alguns escritores, como Muniz Sodré, Nei Lopes e Joel Rufino dos Santos, pertencem a uma linha “menos empenhada em termos de militância” (DUARTE, 2014, p. 261).

Concepções marcadas pelo reducionismo temático, como a de Be-

4 Esse texto constitui-se em uma versão ampliada do texto anterior.

nedita Gouveia Damasceno, incluiriam no campo da literatura negra autores brancos, como Jorge de Lima, visto que o pertencimento étnico não seria tão relevante para a pesquisadora (DUARTE, 2014, p. 261). Duarte aponta que Domício Proença Filho contribui com uma visão conciliadora, que abarca tanto o pertencimento étnico quanto o viés temático:

Em sentido restrito, considera-se *negra* uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. *Lato sensu*, será *negra* a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185).

Proença Filho (2004, p. 161) demonstra que a presença do negro na literatura brasileira é marcada por dois posicionamentos distintos: “*a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada*” (grifo do autor). Isso ratifica a existência de uma literatura sobre o negro e de uma literatura do negro. Segundo Duarte (2014, p. 262), entretanto, uma concepção de literatura negra que abarca essas duas perspectivas

compromete a operacionalidade do conceito, uma vez que o faz abrigar tanto o texto empenhado em resgatar a dignidade social e cultural dos afrodescendentes quanto o seu oposto – a produção descompromissada, para ficarmos nos termos de Proença, voltada muitas vezes para o exotismo e a reprodução de estereótipos atrelados à semântica do preconceito.

A visão de Proença Filho faz ressalvas à constituição de um campo literário para os afrodescendentes, pois o pesquisador compreende que a constituição de um campo distinto da literatura nacional compromete a qualidade da arte literária pois pode

Converter-se em instrumento mantenedor de discriminação: equivaleria a considerar que a literatura produzida pelos negros é *literatura negra* e como tal deve ser tratada, em função dessa especificidade e das circunstâncias sócio-históricas em que é produzida, como se não tivesse nada a ver com a arte literária que se realiza no país e que é dimensionada à luz dos conceitos norteadores da teoria da literatura e que, mesmo em tempos pós-modernos, seguem orientando os estudos da arte literária no Brasil e nos demais centros ocidentais (PROENÇA FILHO, 2004, p. 187).

O crítico, assim, esquiva-se de uma postura engajada ao preferir um posicionamento que, considerando os graves problemas sociais decorrentes de mais de três séculos de escravidão no Brasil, propõe como caminho uma integração harmoniosa entre as múltiplas identidades que compõem a literatura brasileira. Esse posicionamento parece desconsiderar a existência de um cânone literário e demais mecanismos de poder que excluam as populações subalternizadas dos estudos da arte literária no Brasil.

A recente polêmica na eleição para uma cadeira na Academia Brasileira de Letras – ABL – demonstra o contraste entre as forças hegemônicas e subalternizadas, o que evidencia quão desarmoniosa é a sociedade brasileira, principalmente quando se trata da inserção de minorias nos espaços reconhecidamente canônicos e/ou elitistas. A candidatura de Conceição Evaristo para a cadeira número sete da ABL recebeu um de trinta e cinco votos possíveis, revelando que, ainda que tenha se tornado uma das mais importantes escritoras brasileiras da atualidade, o fato de ser uma mulher negra de origem humilde pode ter tido peso na recusa dos votantes em integrá-la ao quadro de imortais de uma instituição majoritariamente branca e masculina.

Roberto Reis (1992, p. 70), ao discorrer sobre o cânone, ressalta que esse conceito não pode ser dissociado da questão do poder, pois “os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc.)”. Dessa maneira, os escritores negros, ao se articularem em espaços para divulgação de suas obras, como no caso do grupo Quilombhoje, não estão se isolando da produção considerada nacional, como entende Proença Filho. Estão, sim, buscando um espaço para reivindicação das demandas de pessoas que foram silenciadas e excluídas ao longo de séculos.

A escrita, dessa maneira, com seu caráter reivindicatório e denunciador das condições de vida das populações subalternizadas, constitui uma ferramenta de resistência para essas pessoas. Conceição Evaristo (2009, p. 18), considerando a violência física e restrições sofridas pelos afrodescendentes durante o período escravocrata e pelas relações raciais na sociedade brasileira, ressalta que “coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira”. Uma literatura que se afasta dos valores canônicos seria uma dessas formas, já que vai de encontro à escrita “veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (idem, p. 18).

A visão da escritora acerca da literatura afro-brasileira indica que os processos de escrita são contaminados pela subjetividade ou vivência dos autores. Evaristo (2017), dessa forma, utiliza o termo “escrevivência” para caracterizar a sua escrita enquanto mulher negra, acreditando que

seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência.

Assim, a autora revela que sua intenção, enquanto mulher negra que escreve a partir de suas vivências, é “acordar os da Casa Grande, incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2017). A literatura afro-brasileira, nessa perspectiva, assume um papel que reivindica espaço não apenas para a escrita afrodescendente, mas para o texto de autoria da mulher negra, com ela se representando.

Esse posicionamento demonstra que Evaristo é uma escritora engajada e dedicada à reflexão sobre a produção literária dos afrodescendentes. Assim como Cuti, dentre outros, ela transita entre vários gêneros literários, além de ter experiência acadêmica, produzindo ensaios e artigos científicos. Essa atividade diversificada permite que ambos tenham visão distinta da literatura afro-brasileira ou negro-brasileira, como prefere Cuti, já que seu campo de estudos é mais amplo. Isso permite a esses autores, além de escreverem obras literárias, refletirem sobre sua área de atuação, o que os distingue de pesquisadores que ficam restritos à crítica literária ou à literatura propriamente dita.

Zilá Bernd (1988), em *Introdução à literatura negra*, aponta a existência de um elemento específico, o “eu enunciator”, como fundamental para a composição do texto negro. Para a pesquisadora, não basta que o escritor tenha a cor da pele negra, tampouco que se utilize de temática específica, como no caso dos autores mencionados:

[a escrita negra] emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciator que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos (BERND, 1988, p. 22).

Essa característica discursiva é, para a pesquisadora, o único critério possível para definição da literatura negra. Bernd, inclusive, ressalta a existência do “eu enunciador” como divisor de águas entre o discurso sobre o negro e o discurso do negro. No entanto, ao afirmar que “não é preciso ser negro para fazer poesia negra” (1992, p. 274), acaba aumentando a polêmica, pois a poesia possui nuances distintas da prosa. A pesquisadora ressalta que basta “situar-se como negro” para que a poesia possa revelar uma intenção negra. Tal consideração, ao invés de ajudar na criação de um campo conceitual, acaba relativizando-o, indicando que quaisquer pessoas sem descendência afro-brasileira podem integrar esse campo literário.

Duarte expõe a existência de outras vertentes conceituais, como a que relaciona o romance negro à narrativa policial, a exemplo do proposto por Rubem Fonseca (1992). Essa multiplicidade de concepções acerca da literatura negra acaba enfraquecendo e limitando “a eficácia do conceito enquanto operador teórico e crítico.” (DUARTE, 2014, p. 264).

Por sua vez, o escritor e pesquisador Luís Silva, o já mencionado Cuti (2010), utiliza o termo “negro-brasileiro” para definir o campo, pois considera que o termo “negro” possui um viés político, contestatório e reivindicatório. O pesquisador, que foi um dos principais articulistas do grupo Quilombhoje e idealizador, com Hugo Ferreira, dos *Cadernos Negros*, afirma:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra ‘negro’ aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra ‘negro’ (CUTI, 2010, p. 44-45).

A esse respeito, Cuti desconsidera a influência da tradição oral africana na produção literária dos afrodescendentes brasileiros. A tradição escrita a ratifica como “vertente da literatura brasileira e não africana” (CUTI, 2010, p. 45), embora a inclusão de brancos brasileiros no seio da literatura negro-brasileira seja considerada pelo escritor uma incoerência.

Não obstante, a utilização do termo “afro-brasileiro” como categoria de análise parece mais adequada, pois, “por sua própria configuração

semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural” (DUARTE, 2014, p. 264). O afro-brasileiro, nessa perspectiva, confunde-se com o sujeito pós-colonial, pois ambos são indivíduos marcados pela condição diaspórica.

A necessidade de se utilizar um critério pluralista para a literatura afro-brasileira é salientada por Edmilson Pereira (2018, p. 1): “a identidade da Literatura Brasileira está ligada a uma tradição fraturada, característica das áreas que passaram pelo processo de colonização”. A ideia de tradição fraturada demonstra que as culturas dos países que foram marcados pela dominação colonial não conseguem romper de vez com os valores tradicionais ao mesmo tempo em que buscam assumir ou construir novos valores. Segundo Pereira (2018, p. 2), “a marca de nossa identidade literária pode estar no reconhecimento dessa fratura, que nos coloca no intervalo entre a aproximação e o distanciamento das heranças da colonização”.

A concepção “negro-brasileira”, proposta por Cuti, parece menos abrangente e pode levar a interpretações que desconsideram a experiência e os reflexos da diáspora dos povos africanos nas populações afrodescendentes no Brasil, já que as vivências em África e na travessia do Atlântico, aparentemente, não exercem influência na escrita negro-brasileira. Essa, por sua vez, não descenderia da literatura africana:

Os negro-africanos que no Brasil chegaram escravizados não trouxeram em sua bagagem nenhum romance, livro de contos ou de poesia que pudessem ter servido de base para a continuidade de uma literatura afro no Brasil. Veio, sim, a literatura oral. Entretanto, os textos escritos têm sua gênese fundamental em outros textos escritos, apesar de outras influências secundárias. Quando se transpõe um conto oral para o papel tem-se a exata dimensão de seu deslocamento e inconsistência para a leitura. Não foi feito para ser lido. É como beber algo sólido ou mastigar algo líquido (CUTI, 2010, p. 45).

Transpor a oralidade para a escrita literária, contudo, constitui uma importante forma de resistência e luta contra os valores canônicos, pois envolve a transmissão de uma ancestralidade africana armazenada, culturalmente, pela memória. Isso pode ser percebido, por exemplo, nos contos de Mãe Beata de Yemonjá (2002) que foram reunidos na obra *Caroço de dendê*: a sabedoria dos terreiros, na qual a autora deixa transparecer as marcas da oralidade sem comprometer a literariedade dos textos.

Dessa maneira, o caminho proposto por Duarte (2008; 2014), seguindo a tradição iniciada por Bastide nos anos 1940, além de reivindicar um espaço para a literatura afro-brasileira, apresenta alicerces mais abrangente nos quais essa escrita se sustentaria, o que aparenta ser mais coerente com a diversidade das expressões literárias dos afrodescendentes. Um conceito que abarca tanto a produção de escritores de épocas mais distantes como Domingos Caldas Barbosa, Luís Gama e Maria Firmina dos Reis, quanto a de escritores contemporâneos, como Nei Lopes, Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves.

Constitui o campo da literatura afro-brasileira a produção literária de escritores que assumem sua etnicidade afrodescendente, privilegiam temáticas relacionadas à cultura afro-brasileira, identificam-se com a linguagem e as formas de expressão dessa comunidade, bem como posicionam os negros/afrodescendentes como sujeitos de suas próprias histórias, buscando subverter “imagens e sentidos cristalizados pelo imaginário social oriundo dos valores brancos dominantes” (DUARTE, 2013, p. 149). Duarte aponta os cinco elementos que sustentam o texto afro-brasileiro, a saber: a autoria, a temática, o ponto de vista, a linguagem e o público.

Deve-se ressaltar que, desde o período imperial brasileiro, muitas obras de autoria negra foram invisibilizadas pelas instâncias sociais e canônicas. Um exemplo é o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (2017), publicado originalmente no ano de 1859:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que ria franca expressão de sua fisionomia: deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde — dissemos — se revoltava, porque se lhe erguia como barreira o poder do forte contra o fraco (REIS, 2017, p. 7).

Considerando a fala do narrador, acima, pode-se perceber que o romance compõe uma narrativa sobre a escravidão, além do fato, não perceptível nesse trecho, mas sabido pela crítica, de que se trata de uma obra escrita por uma mulher negra no período escravocrata. A autora claramente se posiciona a partir de um ponto de vista favorável aos escravizados. Para muitos, é um dos marcos inaugurais da literatura afro-brasileira, ainda que tenha sido preterida pelo cânone. Ratifica essa posição o fato de *Úrsula* atender aos cinco aspectos relacionados por Duarte, acima.

Quanto à “temática”, Duarte (2014, p. 267-268) destaca a ampla diversidade, que pode compreender desde a diáspora negra à glorificação dos heróis, o resgate da história, as tradições culturais e religiosas, a denúncia da escravidão, bem como “os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de modernidade cercadas de miséria e exclusão”. No gênero romanesco, essas temáticas aparecem em obras de Machado de Assis, Lima Barreto e Paulo Lins, em obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Cidade de Deus*, respectivamente.

Não obstante, Duarte atenta para o fato de que a temática afro-brasileira não deve ser compreendida isoladamente, já que nada impede que autores brancos escrevam sobre assuntos relativos aos negros e sua cultura. O tema deve ser considerado a partir de sua interação com a autoria e o ponto de vista, mas o reducionismo temático deve ser evitado.

A “autoria” é um elemento que gera controvérsias por implicar “a consideração de fatores biográficos ou fenotípicos, com todas as dificuldades daí decorrentes e, ainda, a defesa feita por alguns estudiosos de uma literatura afro-brasileira de autoria branca” (DUARTE, 2014, p. 268). Duarte aponta que alguns autores, apesar de afrodescendentes, não reivindicam essa condição, alertando também para o perigo do reducionismo sociológico:

A instância da autoria como fundamento para a existência da literatura afro-brasileira decorre da relevância dada à interação entre escritura e experiência, que inúmeros autores fazem questão de destacar, seja enquanto compromisso identitário e comunitário, seja no tocante à sua própria formação de artistas da palavra (idem, p. 270).

A interação com a experiência pode ser percebida nos trabalhos de Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, dentre outros, ganhando destaque, na atualidade, a ficção de Conceição Evaristo, que escreve, assumidamente, a partir do processo aqui já mencionado como “escrevivência”.

Sobre o “ponto de vista”, Duarte aponta que é elemento fundamental na composição do texto afro-brasileiro, já que a temática e a autoria, isoladamente, são insuficientes. O ponto de vista “indica a visão de mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto, ou seja, o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação” (DUARTE, 2014, p. 271). O pesquisador considera que o escritor afro-brasileiro precisa se identificar com a realidade dos indivíduos representados. Além do citado romance de Maria Firmina dos Reis, os poe-

mas de Luiz Gama, bem como as obras de Machado de Assis, dentre outros, são destacados como exemplos de textos que demonstram o ponto de vista dos autores.

No que diz respeito à “linguagem”, Duarte (2014, p. 273-274) revela que um vocabulário marcado por expressões linguísticas oriundas da África, bem como práticas discursivas que busquem contrariar os “sentidos hegemônicos da língua”, marcam o texto afro-brasileiro. A resignificação de estereótipos cristalizados pela sociedade racista -- que atribui sentidos pejorativos para palavras como “crioulo” ou “mulata”, assim como para características físicas do negro, pois o cabelo “duro”, por exemplo, é reconhecido sinônimo de inferioridade -- faz-se necessária para que seja configurada uma nova ordem simbólica, na qual a literatura, conforme Bernd (1988, p. 89), “se torna o espaço da destruição de uma simbologia estereotipada, onde, por exemplo, a noite, o preto, o escuro, enfim, tudo o que se relacione à cor negra, é associado ao mundo das trevas, do mal ou do pecado”.

A formação de um “público” leitor seria o último alicerce que caracteriza o texto afro-brasileiro. Ao direcionar sua escrita para um determinado segmento da população, o escritor parte das demandas desse público, atuando como “porta-voz da comunidade” (DUARTE, 2014, p. 276). Os trabalhos do coletivo de autores negros Quilombhoje, por exemplo, com a publicação da série *Cadernos Negros*, demonstram que essa busca pelo público ultrapassa as instâncias do meio editorial tradicional, pois:

[o] impulso à ação e ao gesto político leva à criação de outros espaços mediadores entre texto e receptor: os saraus literários na periferia, os lançamentos festivos, a encenação teatral, as rodas de poesia e *rap*, as manifestações políticas alusivas ao 13 de maio ou ao 20 de novembro, entre outros (DUARTE, 2014, p. 276).

Considera-se que a conjunção desses cinco elementos indica o caminho para identificação de um campo literário específico dentro da literatura brasileira: a literatura afro-brasileira, que, nas últimas décadas, tem se enriquecido e ganhado força com a publicação de obras que atentam para o resgate da identidade negra.

Considerando o recorte utilizado por Jaime Ginzburg (2012), que utiliza como marco inicial para a literatura brasileira contemporânea o ano de 1960, percebe-se que a força da literatura afro-brasileira tem crescido ao ponto de adentrar em alguns espaços reconhecidamente canô-

nicos⁵. Esse fato pode ser observado pela inclusão de obras de autoria afro-brasileira como referências obrigatórias em vestibulares e/ou editais de programas de pós-graduação, como é o caso dos romances *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2003) e *Mandingas da mulata velha na cidade nova*, de Nei Lopes (2009). A obra de Carolina Maria de Jesus (2007), *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, tem ressurgido nesse cenário após grande sucesso editorial nos anos 1960 e 1970 e posterior esquecimento nas décadas seguintes, o que indica que o retorno dessa autora aos espaços canônicos está relacionado às conquistas dos movimentos sociais, bem como à aceitação de escritores negros a partir das lutas de tais movimentos. A publicação de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), por uma grande editora, e sua vitória no tradicional prêmio *Casa de las Américas* também são indicativos do vigor do texto afro-brasileiro.

A citada obra de Ana Maria Gonçalves, aliás, tem ganhado, ao longo dos anos, elogios da crítica especializada e rendido diversos trabalhos acadêmicos. *Um defeito de cor* reúne, com maestria, as cinco características apontadas por Duarte para a composição do texto afro-brasileiro: a temática, nesse caso, a escravidão; a autoria feminina negra; um ponto de vista favorável às populações negras, que coloca a protagonista Kehinde e demais personagens negras como sujeitos de sua própria história; uma linguagem que valoriza os negros física e intelectualmente; e a capacidade de discutir temas tão caros à comunidade negra, como a violência contra as mulheres, levando essa e outras questões para o grande público. Isso demonstra não apenas a qualidade, mas a pertinência do texto de Ana Maria Gonçalves em meio ao cenário político e social brasileiro na atualidade.

3. Considerações finais

A luta dos movimentos sociais e sua busca por inclusão destacam-se como meios de resistência que colaboraram para o fortalecimento de uma literatura escrita por negros/afrodescendentes. Essa produção literária, deste modo, é marcada pela resposta aos valores etnocêntricos e da classe dominante.

Diante das muitas concepções acerca da criação de um campo específico para a produção literária dos negros e afrodescendentes, a proposta de Duarte (2008; 2014) pareceu mais consistente e abrangente, principal-

5 É importante salientar que Machado de Assis e Lima Barreto destacam-se na historiografia literária nacional, sendo considerados autores canônicos.

mente porque o pesquisador sustentou sua abordagem em um conjunto significativo de critérios.

O debate sobre a literatura afro-brasileira e as demais vertentes mencionadas foi e continua sendo benéfico para a produção literária dos afrodescendentes. Não obstante, a opção por uma vertente não impõe a recusa de outra, mas aponta caminhos e possibilidades para os escritores, além de um horizonte de expectativas para o público leitor do texto afro-brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. Perspectiva: São Paulo, 1973. (Coleção Estudos).
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. Literatura negra. In: JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 267-275. (Coleção Pierre Menard).
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CUTI [Luís Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em debate).
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 31, Brasília, p. 11-23, janeiro-junho de 2008.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. de 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Ras-segna Iberistica**, v. 37, n. 102, 2014, p. 259-279.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afrodescendência. In: **Literafro: o portal da literatura afro-brasileira**, 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>>. Último acesso em: 05 fev. de 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. In: **Nexo Jornal**. São Paulo, 26 mai. 2017. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <encurtador.com.br/wDFIO>. Acesso em: 25 jun. de 2018.

FONSECA, Rubem. **Romance negro e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane**, Milano, v. 2, p. 199-221, 2012.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LOPES, Nei. **Mandingas da mulata velha na cidade nova**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. (Coleção Ponta de lança).

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Panorama da literatura afro-brasileira**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 24 jun. de 2018.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

QUILOMBHOJE (Org.) **Reflexões sobre literatura afro-brasileira**. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio De Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, 2017. (Coleção Acervo brasileiro, v. 2).

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. (Org.). Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92. (Coleção Pierre Menard).

SAYERS, Raymond. **O negro na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. **Caroço de dendê**: a sabedoria dos terreiros, como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

Recebido em: 31/07/2019

Aceite em: 07/01/2020